



ARTIGO 225

MERCADO DE MILHO, FARELO DE SOJA E OVOS NO BRASIL DE 2010 A 2013

Corn, Soybean Meal and Eggs Market in Brazil from 2010 to 2013

Silvana Marques Pastore¹, Will Pereira de Oliveira², Gladstone Brumano³

RESUMO: O milho e o farelo de soja são os ingredientes base para a ração de poedeiras. Com a valorização desses insumos no mercado internacional e nacional observada meses atrás, elevou-se o custo da produção de ovos. O reflexo pode ser visto no aumento dos preços dos ovos a curto-prazo e, posteriormente, a redução da oferta a longo-prazo. Entretanto, o Brasil deve bater record na produção de grãos nesse ano, o que pode evitar uma nova valorização desses insumos no mercado interno. Dessa forma o preço do ovo deve se manter estável nos próximos meses. Contudo, a quantidade de ovo ofertado é o que, principalmente, determina o preço do ovo no mercado nacional, visto que 98% da produção brasileira de ovos é absorvida por esse mercado. Portanto, o Brasil deve investir na exportação de ovos e no aumento do consumo interno, para a valorização do ovo no mercado interno. Somente assim, o produtor brasileiro de ovos terá condição financeira de se manter na atividade.

Palavras chave: cotação, galinhas poedeiras, produção, dieta

ABSTRACT Corn and soybean meal are the basic ingredients for the feed of laying hens. With the recovery of the inputs in international and domestic market observed months ago, it increased the cost of egg production. The reflection can be seen in increase egg prices in short-term, and subsequently reducing the supply in long-term. However, Brazil must beat the record grain production this year, which may prevent further appreciation of these inputs domestically. Thus the egg price should remain stable in the coming months. However, the amount of egg that is offered primarily determines the price of the egg in domestic market, since about 98% of Brazilian eggs is absorbed by this market. Therefore, Brazil should invest in export of eggs and increased domestic consumption, for the recovery of the egg in domestic market. Only then, the Brazilian producer of eggs will have financial conditions to remain in activity.

Key Words: diet, laying hens, production, quotation

¹Doutoranda em Zootecnia na Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, MG. CEP 36571-000, Brasil. E-mail: silvanazoo@hotmail.com

²Professor do Instituto Federal Fluminense, campus Bom Jesus do Itapapoana, RJ, CEP 28360-000, Brasil.

³Empresa PIF PAF Alimentos S/A, Visconde o Rio Branco, Minas Gerais, MG. 36520-000, Brasil.



INTRODUÇÃO

A produção de milho e de soja tem importância econômica mundial devido a sua diversidade de utilização. O milho é usado desde a alimentação animal e humana, até a indústria de alta tecnologia. A soja é usada tanto para o consumo animal, através do farelo de soja, quanto para o consumo humano, através do óleo de soja. Contudo, o maior destino do milho juntamente com o farelo de soja é a produção de ração para aves, suínos e bovinos, os quais tem capacidade de conversão da proteína vegetal em proteína animal e, portanto, são também de grande importância econômica, tanto no âmbito internacional como no âmbito nacional. Na produção mundial de milho, o Brasil participa com cerca de 6,6% do total produzido e ocupa o terceiro lugar no ranking mundial dos países produtores de milho. Na produção de soja, o Brasil é o segundo maior produtor e processador mundial da soja em grão e o segundo exportador mundial do complexo de soja (soja em grão, farelo de soja e óleo de soja), garantindo ao país um papel de grande potencial para o produto. Em relação ao consumo mundial de milho e de soja, esse se mantém

aquecido liderado pela China que continua a exercer grande influência tanto sobre o mercado internacional quanto o nacional brasileiro. O consumo de soja e de milho pela China tem crescido exponencialmente nos últimos anos e atualmente a China é o maior importador mundial desses insumos. O crescimento da produção animal também contribuiu com o aumento do consumo do milho e do farelo de soja a nível mundial e nacional. No Brasil, pode se observar aumento constante do consumo do milho e do farelo de soja nos últimos cinco anos, que é resultado da expansão da produção animal nesse mesmo período.

Assim sendo, para a formação dos preços do milho e da soja no mercado internacional e nacional se leva em consideração, principalmente, a demanda da China pelos insumos, a disponibilidade do produto no mercado (atual e futuro) e os estoques mundiais desses insumos. E ainda para o preço do milho, deve se considerar o preço do barril de petróleo. Portanto, alguma alteração nesses fatores já é suficiente para provocar variação nos preços do milho e da soja e, conseqüentemente, no farelo de soja.



O milho e o farelo de soja são os ingredientes base para a ração de poedeiras. A valorização desses insumos no mercado internacional e nacional, elevou o custo da produção de ovos. O reflexo pode ser visto no aumento dos preços dos ovos a curto-prazo e, possivelmente, redução da oferta a longo-prazo. No entanto, praticamente toda a produção brasileira de ovos é absorvida pelo mercado interno. Dessa forma, a quantidade do produto ofertado é o que, principalmente, determina o preço do ovo no mercado nacional. Portanto, o Brasil deve investir na exportação de ovos, tanto *in natura* como processado, e no aumento do consumo interno, para a valorização do ovo no mercado interno. Somente assim, o produtor brasileiro de ovos terá condição financeira de se manter na atividade.

MERCADO BRASILEIRO DE MILHO

Produção

O Brasil é o terceiro maior produtor e o maior exportador mundial de milho, com a produção estimada em 77.998 milhões de toneladas obtidas na safra 2012/2013 (Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB, 2013). Essa

produção é proveniente de safras colhidas em épocas distintas, em virtude dos meses em que se inicia o plantio e que segue, de certa forma, as variações das condições climáticas das regiões produtoras. Os plantios de verão ou primeira safra são realizados na época tradicional, durante o período chuvoso, que varia entre fins de agosto na região Sul até os meses de outubro/novembro no Sudeste e Centro-Oeste (no Nordeste este período ocorre no início do ano).

A segunda safra, também chamada de safrinha, se refere ao milho de sequeiro, plantado extemporaneamente, em fevereiro ou março, quase sempre depois da soja precoce, predominantemente na região Centro-Oeste e nos estados do Paraná e São Paulo. Embora realizados em condição desfavorável de clima, os plantios da safrinha vêm sendo realizados dentro de sistemas de produção adaptados gradativamente a essas condições, o que tem contribuído para elevar o rendimento das lavouras.

Ao longo dos últimos anos, a produção obtida na segunda safra tem crescido consideravelmente. Quando se faz uma análise da participação da primeira e da segunda safras de milho na produção nacional, percebe-se o aumento



significativo e constante da segunda safra de milho. Na safra 2002/2003 a safrinha correspondeu a 27% da produção nacional de milho. Já na safra de 2011/2012 a contribuição da safrinha na produção nacional foi de 47,2%, representando um crescimento de 73% em comparação à safra de 2002/2003, totalizando um aumento de 16,4 milhões de toneladas. Grande parte deste crescimento foi devido ao aumento da área plantada de milho onde antes era lavoura de soja. No Mato Grosso, por exemplo, essa substituição ocorreu em 35,4% da área destinada ao cultivo da soja, na safra 2011/2012.

Por outro lado, tem-se verificado um decréscimo na produção de milho da primeira safra, em virtude da redução da área plantada e que vem sendo ocupada pela cultura da soja. O impacto dessa redução da produção de milho de primeira safra sobre a produção total de milho tem sido, portanto, parcialmente compensado pelo aumento dos plantios na safrinha.

Para a safra 2012/2013, a área para a primeira safra foi de 6,879 milhões de hectares, representando uma redução de 9,0% em relação à área cultivada em 2011/2012 (CONAB, 2013). Apesar das boas perspectivas para a produção e

comercialização de milho, mais uma vez a cultura do milho perdeu área para a soja devido ao seu melhor preço e à maior rentabilidade desta cultura quando comparada com a do milho.

Segundo as estimativas divulgadas pela CONAB (2013) no último levantamento, o Paraná registrou que a área destinada ao plantio do milho de primeira safra de milho foi de 878,1 hectares, 10,2% menor do que a área cultivada na safra 2011/2012, e com produção estimada entre 7.168,8 mil toneladas. Na Bahia, para as áreas de cerrado que predomina o plantio com emprego de alta tecnologia houve aumento de 6,8% da área plantada. Em Minas Gerais, mesmo com o mercado bastante favorável para o milho, refletindo a alta de preços da commodity no mercado internacional, as estimativas apontaram para uma redução de área de 5,8% para o plantio de milho de primeira safra em comparação à safra passada.

A nível nacional a redução na área cultivada com milho na primeira safra foi de 9,0% em relação à área cultivada em 2011/2012 (CONAB, 2013). Apesar da redução no plantio da área de milho primeira safra, observa-se que em parte, foi compensada com o plantio do milho



segunda safra que foi cultivado a partir de fevereiro. Visto que o crescimento da área plantada foi de 15,6% (CONAB, 2013).

As lavouras de milho no Brasil possuem diferentes sistemas de cultivos e finalidades. Sendo assim, a produtividade nacional das lavouras não reflete o bom nível tecnológico já alcançado por boa parte dos produtores voltados para lavouras comerciais. A produtividade média do milho na safra 2011/2012 foi de apenas 5.133 kg/ha. Entretanto, a produtividade média nos principais estados produtores na primeira safra foi superior a 4.500 kg/ha. Assim, apesar da diminuição em 17% da área de plantio da primeira safra 2010/2011 a produção permaneceu estável. Em relação à produtividade da safrinha, que em geral é menor que a da primeira safra, tem-se observado uma tendência de melhora a cada ano, demonstrando o maior emprego de técnicas e tecnologias de produção para esta safra, apesar das restrições climáticas.

A produção brasileira de milho estimada para a safra 2012/2013 é de 77.988 milhões de toneladas (Tabela 1), um recorde de produção para o país. Para a primeira safra 2012/2013 ao

considerar a área cultivada e a produtividade (5.060 kg/ha, 12,9% maior que a safra anterior), a produção de milho alcançará 34,8 milhões de toneladas, com variação positiva entre 2,8% em relação à safra anterior, quando foram colhidas 33,9 milhões de toneladas (CONAB, 2013). A alta produtividade estimada é reflexo da expectativa da recuperação das produtividades normais nos estados do Sul e do Nordeste, seriamente castigadas pelas adversidades climáticas na última safra. A possível recuperação das produtividades nos estados da região Sul compensará as perdas de áreas cultivadas ocorridas na safra 2011/2012.

Para o milho safrinha, em função do calendário de plantio, ainda não é possível obter uma estimativa confiável para a área a ser cultivada. Todavia, com os preços atuais aquecidos, inclusive pelo fato de haver negociações antecipadas no Mato Grosso pelo segundo ano consecutivo, houve aumento 23,4% da área plantada na safra 2012/2013 em relação a safra anterior (CONAB, 2013). A produção estimada é de 17.4 milhões de toneladas de milho.



Pelas estimativas da CONAB (2013), a área total de milho na safra 2012/2013 é de 15.686 milhões de hectares, 3,3% maior que a safra passada (Tabela 1). Contudo, devido ao aumento estimado na produtividade, a produção nacional de milho, primeira e segunda safras, deverá chegar próxima a 78 milhões, um record de produção (Tabela 1). Deve se ressaltar que esta estimativa poderá sofrer variações para mais ou para menos, uma vez que ainda estamos em período de coleta dos grãos.

Cotação do Milho

Em 2010, as cotações médias tiveram comportamento semelhante ao do ano anterior, contudo com média anual melhor (US\$168,14/t. em 2010 ante US\$144,30/t. em 2009). Somente a partir de outubro de 2010 as cotações atingiram a casa das duas centenas de dólares registrando o valor de US\$ 214,54/t. O movimento de alta foi mantido e atingiu o pico de US\$ 230,51/t. em dezembro de 2010. O alto preço do barril de petróleo também influenciou a cotação do milho. Com a tendência de alta do petróleo, a rentabilidade do etanol de milho fica mais atrativa nos mercados norte-

americanos, o que aumenta a demanda de milho.

Nesse cenário, pode-se observar o aumento na cotação do milho nos primeiros meses do ano de 2011. O mês de janeiro apresentou cotação média de US\$250,05/t., em fevereiro chegou a US\$271,76/t. - valor próximo da média de junho de 2008 (US\$275,14/t.). No mercado interno, a partir de dezembro de 2010 os preços alcançaram a casa dos R\$30,00/sc de 60 kg permanecendo neste patamar até abril de 2011, quando atingiu o pico de R\$32,25 em 02/02/2011 (Boletim Anual do Mercado de Grãos, 2011).

A produção abaixo do esperado na safra 2011/2012, com diminuição da produção nas lavouras do sul do Brasil por causa de condições climáticas desfavoráveis, contribuiu para o aumento do preço do grão no mercado internacional no curto-prazo. Além disso, com o consumo em alta e os baixos estoques, principalmente o norte-americano (Tabela 2), levam a acreditar que esta tendência de alta de preços será mantida. Entretanto, com a esperada safra recorde brasileira 2012/2013, surge à possibilidade de queda nos preços do milho nos principais estados produtores (MT, MG, PR e RS).



Tabela 1 – Milho total (1ª e 2ª Safra) – Comparativo de área, produtividade e produção das safras 2011/2012 e 2012/2013

Região/UF	Área (em mil ha)			Produtividade (em kg/ha)			Produção (em mil toneladas)		
	Safra 11/12	Safra 12/13	Variação (%)	Safra 11/12	Safra 12/13	Variação (%)	Safra 11/12	Safra 12/13	Variação (%)
Norte/Nordeste	2.991,0	2.884,9	(3,5)	2.012	2.090	3,9	6.016,4	6.029,8	0,2
Centro - Sul	12.187,1	12.801,3	5,0	5.495	5.622	2,3	66.963,1	71.968,4	7,5
Brasil	15.178,1	15.178,1	3,3	4.808	4.972	3,4	72.979,5	77.988,2	6,9

Fonte: CONAB – levantamento: Maio/2013

Tabela 2 – Oferta e Demanda de Milho – 1ª Estimativa 2012/2013 (milhões de toneladas)

	Estoque inicial	Produção	Importação	Consumo Interno	Exportação	Estoque Final
Estados Unidos	21,62	375,68	0,38	301,64	48,26	47,78
Argentina	1,18	25	0,01	8,6	16	1,59
África do Sul	2,77	13	0,03	11,1	2	2,69
Egito	0,97	5,8	5,2	11	0,01	0,96
União Europeia	5,56	63,1	6	67,5	2	5,16
Japão	0,63	0	16	16	0	0,63
México	1,36	21	9,3	29,7	0,03	1,93
Brasil	13,08	67	0,8	56	12	12,88
China	57,97	193	7	200	0,2	57,77
Mundo	127,56	945,78	98,82	921,01	104,22	152,34

Fonte: Adaptação USDA

Porém, Sologuren (2012) ressalta que o volume de chuvas previsto para esse ano é menor que em 2011 podendo causar surpresas na produção do milho safrinha, e conseqüentemente, no preço do milho.

Além disso, é sabido que a China é grande responsável pela sustentação do valor do milho no mercado internacional, o que afeta diretamente o mercado nacional.

Quando se observa a relação estoque/consumo de milho na China (2011/2012), percebe-se que os estoques estão em níveis históricos baixos (57,97 milhões de toneladas), consolidando o país como forte importador mundial do grão (USDA, 2012). Por sua vez, os Estados Unidos, um dos maiores produtores mundiais de milho, devem produzir 375,68



milhões de toneladas (USDA, 2012). No agregado, a produção mundial de 2012/2013 deve reduzir 4,1%, para 841 milhões de toneladas (USDA, 2012).

A demanda mundial deve totalizar 921,01 milhões de toneladas, o que provavelmente vai manter os estoques mundiais em baixa, levando a uma relação estoque/consumo de 16,5% (USDA, 2012) (Tabela 2). Dessa forma, não se espera quedas expressivas para o preço do milho. O estoque mundial está “apertado”, abaixo da média histórica, não permitindo assim nenhuma queda relevante para o preço desta commodity (Sologuren, 2012).

No mercado brasileiro, os preços do milho está cada vez mais atrelados às cotações internacionais devido à grande procura por parte dos compradores de outros países. Ao se comparar os preços do mercado brasileiro com o preço da bolsa de Chicago, observa-se que a correlação entre os dois está aumentando, o que melhora as condições do mercado nacional para exportação. De 2001 a 2006, existia uma correlação muito baixa (48%) entre o mercado nacional e o internacional. O preço do milho tinha formação essencialmente endógena no país, o que deixava o mercado sem estrutura para formação de preço internacional, prejudicando as exportação. De 2007 a

2012, a correlação aumentou para 76,3%, e o preço de Chicago começou a influenciar de forma mais expressiva a formação de preços no Brasil, porém ainda em menor nível que o mercado de soja (Sologuren, 2012). Contudo, se analisar apenas o período de 2009 a 2012, identifica-se que o aumento na correlação chegou a 89% em Lucas do Rio Verde – MT e 95,3% em Cascavel – PR (Sologuren, 2012). Sendo assim, é possível que os preços no mercado brasileiro fiquem próximo dos valores pago pelo milho no mercado internacional.

Na análise de transmissão de preços da BM&FBovespa para outros mercados nacionais, observa-se que há diferença entre as regiões quanto à absorção desses valores. Em algumas regiões como Cascavel os preços são absorvidos rapidamente, mas em cidades como Rio Verde e Campinas, ficam praticamente uma semana absorvendo variações de preços da bolsa brasileira (Alves et al., 2011). Segundo esse mesmo autor, em Sorriso, o impacto ocorre com seis dias de defasagem, porém com o maior percentual entre as regiões. Para cada 1% de variação na BM&FBovespa, a região de Sorriso oscila 0,14%, no mesmo sentido. Entretanto, dependendo do preço e das condições de estoque no estado, o governo pode fazer algumas intervenções.



Atualmente, com os altos preços do milho, as transações mundiais devem reduzir para 90,9 milhões de toneladas, a menor desde 2008/2009 (USDA 2012). Dos 14 maiores importadores mundiais, oito devem reduzir as compras externas. Para exportação, dos 10 maiores vendedores, apenas quatro devem ter crescimento dos embarques, entre eles o Brasil, que deve exportar cerca de 14,5 milhões de toneladas entre fevereiro de 2013 e janeiro de 2014, de acordo com o último relatório da USDA (2012).

As projeções do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC (2012), no entanto, são mais audaciosas. Os exportadores e os *tradings* (negociadores na bolsa de valores) projetam um volume de exportação até 31 de janeiro de 2013, variando entre 17,0 e 18,0 milhões de toneladas. Visto que já foram exportadas de janeiro até outubro 13,08 milhões de toneladas (MDIC, 2012). Este volume é 38% maior frente ao embarcado em todo o ano de 2011. E pelo ritmo do mercado externo e dos movimentos nos portos, é bem possível que consiga se exportar de 8,5 a 9,5 milhões de toneladas nos próximos 04 meses (cerca de 2,0 a 3,0 milhões por mês).

Por essa razão, se estima a exportação de 17,5 milhões de toneladas para a safra 2012/2013. Sendo que já foram registrados alguns negócios de milho da primeira safra 2012/2013, algo bastante incomum. Normalmente, o forte da exportação é com o produto da segunda safra, com a primeira ficando no mercado interno. No Rio Grande do Sul teriam sido fechados negócios para exportação de 350 mil toneladas, para embarques entre fevereiro e março de 2013. Contudo, o volume exportado pelo Brasil irá depender de como se comportará a safra 2013/2014 dos Estados Unidos, onde se acredita que deverá ser, no mínimo, a que foi projetada para 2012/13, de 375,68 milhões de toneladas. A competição do milho brasileiro com o americano deverá ser maior, e consequentemente, poderá diminuir a participação do Brasil em alguns mercados que são tradicionais dos Estados Unidos, por isso a previsão de 15,0 milhões de toneladas exportadas.

Porém, os preços praticados nos portos brasileiros e a taxa cambial elevada, deixam competitivo o produto do país (Pereira, 2012). Segundo apuração da Informa Economics FNP, no Golfo do México, o preço do milho tem variado entre US\$ 285 e US\$ 295 por tonelada. Já nos portos brasileiros, o milho tem saído



para o mercado externo com preços que variam entre US\$ 260 e US\$ 270 por tonelada. Na média, o exportador brasileiro conseguiu no primeiro semestre de 2012, pela tonelada do milho, um preço 17% maior do que no mesmo período do ano passado. A atual situação do mercado com

a taxa de câmbio alta e a disponibilidade do produto favorece a exportação de milho pelo Brasil. Deve-se ressaltar que a exportação elevada provoca aumento nos preços nacionais (Figura 1), devido à menor disponibilidade do grão no mercado interno.

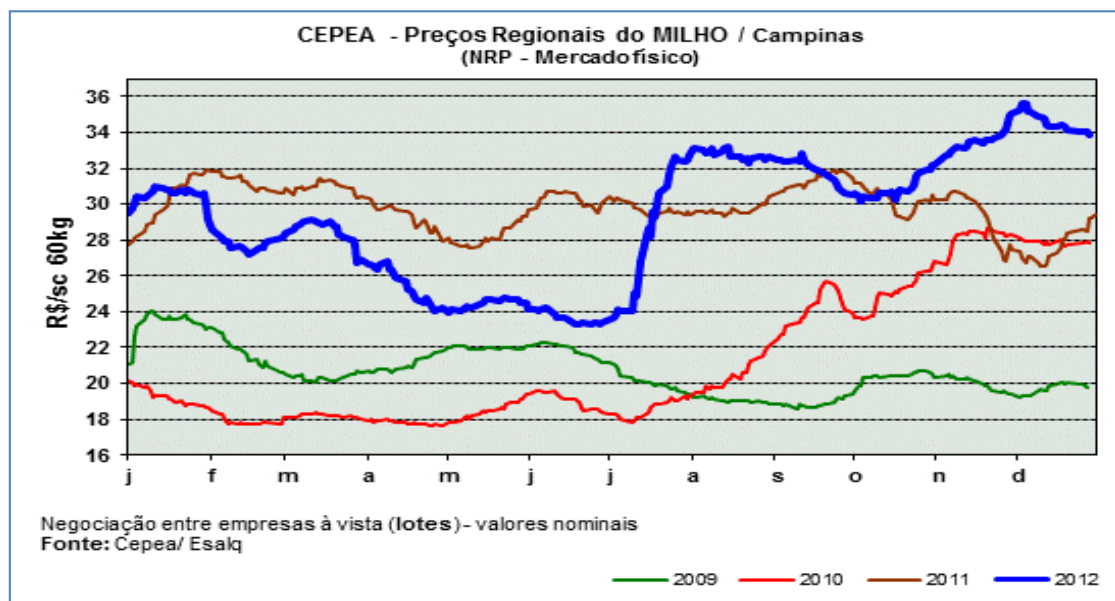


Figura 1 – Comportamento do Preços do Milho em Campinas

Na safra de 2010/2011 o estoque brasileiro de milho ficou em 5,9 milhões de toneladas (CONAB, 2013). Com os estoques finais de 2011/2012 acima de 5,8 milhões de toneladas (CONAB, 2013), e caso não haja nenhum fator climático que interfira, tanto na produção brasileira, quanto na de outros participantes do mercado de milho, os estoques finais da safra 2012/2013 poderão ser os maiores já

registrados, com previsão de mais de 17,1 milhões de toneladas, situação que pode influenciar o comportamento dos preços a partir de agosto de 2013 (CONAB, 2013). Por outro lado, projeções da consultoria Agroconsult indicam outro cenário para o Brasil. Nesse cenário o Brasil terá uma menor disponibilidade do cereal em 2012/2013 comparada à safra anterior devido à redução de 1,1 milhão de hectares



na área cultivada na primeira safra, não sendo compensada pela maior produtividade. Pessoa (2012) ainda adverte que as mudanças climáticas podem afetar a produtividade do milho safrinha. Além disso, a pressão compradora do milho brasileiro pelos clientes internacionais será tão forte ou mais forte do que neste ano (Pessoa, 2012). Por isso, nesse cenário projeta-se que os preços se manterão elevados do começo ao fim de 2013.

MERCADO BRASILEIRO DE FARELO DE SOJA

Produção

O Brasil é o segundo maior produtor e exportador mundial de soja. O levantamento da área plantada com a cultura da soja no Brasil realizado pela CONAB (2013) divulgado em maio indica um crescimento na área a ser plantada de 10,7%, passando de 25,04 milhões hectares plantados na safra anterior, para 27,71 milhões de hectares, correspondendo a um aumento de 2,67 milhões de hectares. Da mesma forma, existe um consenso entre a maioria dos analistas de mercado agropecuário internacional de que houve aumento de área de plantio mundial de soja em 2012/2013. Esse crescimento se deve aos excelentes preços de comercialização

observada na safra 2011/2012, que bateram recordes históricos decorrentes da quebra de produção nos principais países produtores.

Segundo estimativas da CONAB (2013) o volume a ser produzido, considerando a média da produtividade dos últimos três anos, descartando-se as safras atípicas e adicionando o avanço tecnológico, será de 81,51 milhões de toneladas, representando um acréscimo de 22,8% superior à safra 2011/2012 (66,38 milhões de toneladas). Por isso, o Brasil deve superar a produção de soja dos Estados Unidos e ocupar a primeira posição de produtor e exportador do grão na safra de 2012/2013 (Tabela 3). A estimativa da USDA (2012) é que a produção do país seja de 81 milhões de toneladas ante 77,8 milhões de toneladas norte-americanas. Por sua vez a Scot Consultoria prevê uma redução maior na safra americana 2012/2013, e estima produção em 73,27 milhões de toneladas de soja (Tabela 3). Contudo, a exportação brasileira deverá atingir 39,1 milhões de toneladas frente à americana com 34,4 milhões de toneladas (USDA, 2012).

A China é o principal importador de soja brasileiro. Entre janeiro e julho desse ano foram importados 17,08 milhões de toneladas de soja do Brasil de acordo com dados da alfândega chinesa.



Tabela 3 – Produção de soja nos principais países produtores (milhões de toneladas)

Países	Safra 2011/2012	Safra 2012/2013*	Variação (%)
Estados Unidos	83,17	73,27	(11,9)
Brasil	65,50	81,00	23,7
Argentina	41,00	55,00	34,1
Mundo	236,03	260,46	10,4

*estimativa

Fonte: Scot Consultoria

Devido à forte estiagem que castigou a produção do país durante o verão, a safra 2012/2013 da soja da China deverá ser reduzida para 9,8 milhões de toneladas, segundo informações do Ministério da Agricultura chinês. De acordo com este órgão, a produtividade estimada é de 1.693,5 kg/ha (redução de 5,3 %) e, se confirmada, o volume de soja produzido pela China será um dos menores em três anos. Assim, estima-se que as compras podem chegar ao recorde de 57,5 milhões de toneladas em 2012, um incremento de 9,3% comparado às importações de 2011. Além disso, estima-se para 2013 um aumento nas importações chinesas de 3 milhões de toneladas a mais do que o esperado para 2012, totalizando cerca de 61 milhões de toneladas (USDA, 2012). Diante dessa perspectiva, pode-se inferir que o mercado será favorável à exportação do grão brasileiro para o maior importador global do produto.

O Brasil além de produzir e comercializar soja em grãos, também beneficia os grãos.

O farelo de soja é resultado do processo de esmagamento da soja, que gera como principal subproduto o óleo de soja degomado. Esse é utilizado como principal matéria-prima para a produção de óleo de soja refinado e biodiesel. O farelo é utilizado como ingrediente na fabricação de ração para os diversos animais. Na safra de 2010/2011 foram produzidos 75.248 milhões de toneladas de soja e 28.320 milhões de toneladas de farelo (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais – ABIOVE, 2012).

Para a safra 2011/2012 a produção nacional de soja foi estimada em 66.383 milhões de toneladas e a produção de farelo de soja em 26.411 milhões de toneladas (CONAB, 2012) (Tabela 4). Por sua vez, a USDA (2012) estima que a produção brasileira seja de 27.340 milhões de toneladas de farelo de soja para a safra 2011/2012. A redução na produção do farelo de soja em relação à safra anterior é resultado da queda na produção de soja



devido à estiagem em 2011 nas regiões produtoras.

A produção brasileira de soja tem aumentado significativamente a cada safra (Tabela 4).

Tabela 4 – Oferta e demanda brasileira da soja em grão e do farelo de soja em diferentes safras (milhões de toneladas)

Produto	Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Consumo	Exportação	Estoque Final
Soja em Grão	2010/2011	2.607,2	75.324,3	41,0	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/2012	3.016,5	66.383,0	50,0	37.254,0	31.250,0	945,5
	2012/2013	444,0	81.513,4	100,0	42.401,4	36.782,7	2.873,3
Farelo de soja	2010/2011	2.821,2	29.298,5	24,8	13.400,0	14.355,0	4.389,5
	2011/2012	4.389,5	26.411,0	35,0	13.950,0	14.805,0	2.080,5
	2012/2013	2.191,5	29.739,5	36,0	14.325,0	14.925,0	2.717,0

Fonte: Adaptado CONAB – Levantamento de Maio/2013

Historicamente esse crescimento tem ocorrido a uma taxa anual de 5,8%. Contudo, na safra 2011/2012 a produção de soja foi reduzida (Tabela 4) por causa da seca que se estendeu de dezembro de 2011 a fevereiro de 2012 e afetou as principais regiões produtoras de soja no Brasil. No entanto, a previsão para a safra 2012/2013 é que a produção atinja valores recorde, com 81,513 milhões de toneladas, 42% a mais do que o produzido há cinco anos (safra 2008/2009).

Da mesma forma, o processamento interno do grão tem crescido. Segundo a ABIOVE (2012), em 2010 foram processados 35.701 milhões de toneladas e em 2011, 37.264 milhões de toneladas. Já em 2012, até setembro foram processadas 22.096

milhões de toneladas de soja em grão, o que representa entre 84 e 86% do total do setor. A previsão é de que na safra 2011/2012 seja processada 35,3 milhões de toneladas, 5,3% menos que o processado no ano passado, reflexo da estiagem que provocou quebra de 12% na safra de soja, estimada pela ABIOVE (2012) em 66,2 milhões de toneladas. A ABIOVE (2012) ainda afirma que em 2012, em função da menor oferta, ficaram mais evidentes as desvantagens de processamento, em função da carga tributária do país, considerada desfavorável à agregação do valor.

O farelo de soja produzido é destinado ao consumo interno e à exportação. Em 2011 o Brasil consumiu 13.828 milhões de toneladas de farelo de soja (ABIOVE,



2012). Para a safra de 2011/2012, segundo o último levantamento da CONAB (2012), o consumo estimado de farelo de soja será de 13.950 milhões de toneladas (Tabela 4), sendo que até o mês de novembro de 2012 foram consumidos 9.529 milhões de toneladas do produto (ABIOVE, 2012). Com relação à exportação, em 2011 foram exportados 14.452 milhões de toneladas de farelo de soja brasileiro e, em 2012, até novembro foram exportados 12.414 milhões de toneladas (ABIOVE, 2012). Como resultado, estima-se que o estoque final será de 2.080,5 milhões de toneladas ante 4.389,5 milhões de toneladas do início da safra 2011/2012 (CONAB, 2012).

Cotação da Soja

O Brasil, os Estados Unidos e a Argentina são responsáveis por aproximadamente 81% da produção mundial de soja. Nos últimos três anos (2010/2011, 2011/2012 e 2012/2013), os Estados Unidos tiveram quebras bastante significativas de safra. Além da quebra da produção norte-americana, no Brasil e na Argentina também ocorreram fortes quebras na safra 2011/2012 devido às condições climáticas desfavoráveis ao cultivo da soja. Em vista da diminuição da oferta mundial, os preços praticados internacionalmente tiveram uma

grande alta, refletindo nos preços internos e estimulando o aumento da área plantada brasileira.

A área estimada pela CONAB (2013) para a safra brasileira 2012/2013 é de 27,71 milhões de hectares, com previsão de produção de 81,51 milhões de toneladas de soja. Se levar em consideração a capacidade de esmagamento interna de soja em grão e o crescimento industrial para o ano de 2012, a quantidade a ser esmagada deverá girar em torno de 38,25 milhões de toneladas (CONAB, 2012). Contudo, se for levado em conta que as importações chinesas (principal importador brasileiro de grãos) permanecerão aquecidas, que uma boa parcela dos agricultores já vendeu sua safra antecipadamente, e que a próxima safra americana (2013/2014) deverá ser muito superior à colhida em 2012/2013, as exportações brasileiras, para a próxima safra, deverão ficar próximas a 36,25 milhões de toneladas (CONAB, 2012).

No acumulado de 2012, o complexo soja (farelo, óleo e grão) somaram US\$ 24,65 bilhões. O valor foi US\$ 3,23 bilhões (+15,1%) superior ao registrado de janeiro a outubro do ano passado. A receita das exportações de soja em grão cresceu 16,6% para US\$ 17,19 bilhões e o volume embarcado aumentou 9,3% (para 32,52 milhões de toneladas). O faturamento das



exportações com farelo de soja aumentou 13,4% (para US\$ 5,5 bilhões) nos primeiros dez meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado (MDIC, 2012).

Quanto à comercialização da soja, a desvalorização do câmbio a partir de abril de 2012 estimulou o aumento dos preços em reais do produto (Figura 2). Assim, pode-se observar a valorização de 58% em reais e 40% em dólares da soja em grão no período de janeiro a julho de 2012 (União Brasileira de Avicultura - UBABEF, 2012). Mas, entre 31 de agosto e 28 de setembro de 2012, o Indicador ESALQ/BM&F Bovespa (produto transferido para armazéns do porto de

Paranaguá), em moeda nacional, mostrou expressiva queda de 17% no preço da soja em grãos, finalizando em R\$ 75,73/saca de 60 kg no último dia do mês. Em dólar, moeda prevista nos contratos futuros da BM&FBovespa, o preço da soja fechou a US\$ 37,32/sc de 60 kg no dia 28/09, com queda de 16,9%. A média ponderada das regiões paranaenses, refletida no Indicador CEPEA/ESALQ, finalizou o mês em R\$ 76,88/sc de 60 kg, com forte queda de 9,9% em relação ao mês anterior. Ao se considerar a média do conjunto de praças acompanhadas pelo CEPEA, no acumulado de setembro, a queda foi de 6,5% no mercado de balcão (ao produtor) e de 5,6% no de lotes (negociações entre empresas).

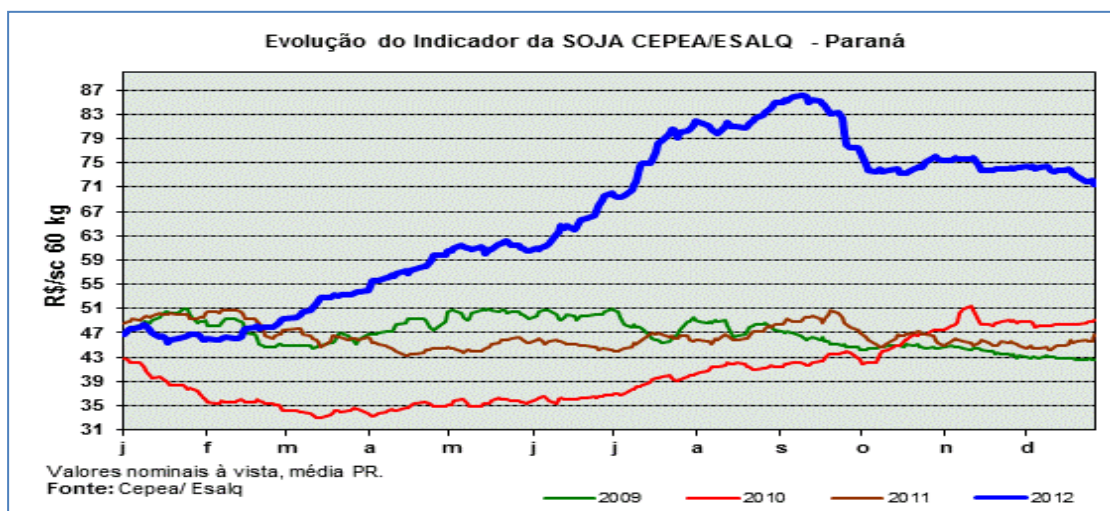


Figura 2 – Evolução do Preço da Soja

No que tange ao cenário de mercado para a soja constata-se que os contratos futuros estão sendo negociados na BM&FBovespa a US\$ 39,00/sc para Novembro/2012,

queda de 9,7% no acumulado de setembro. O contrato para Maio/2013 fechou a US\$ 31,62/sc no dia 28 de setembro, com forte queda de 5,6% no mês. Enquanto na Bolsa



de Chicago, os contratos futuros para março/2013 foram fechados a US\$15,13 por bushel (1bushel=27,215kg).

Com relação ao farelo de soja, o primeiro vencimento recuou 16,3% em 2011 na Bolsa de Chicago, mas teve média anual 14,3% maior que a de 2010. Em 2012, o mercado continuou aquecido. Com a desvalorização do câmbio a partir de abril de 2012, os preços em reais aumentaram, promovendo a valorização de 90% em reais e 68% em dólar, de janeiro a julho de 2012 (UBABEF, 2012). No mês de julho, os embarques chegaram a 1,5 milhões de toneladas, 24,7% maior em relação a junho deste ano. Em relação a julho de 2011, as exportações cresceram 30,5% (MDIC, 2012). Entretanto, no mês de setembro de 2011, o Brasil exportou 1,265 milhão de toneladas de farelo e, neste ano, o volume chegou a 1,138 milhão de toneladas, apresentando redução de 11% (MAPA, 2012). De janeiro a dezembro de 2012, foram comercializadas 14,3 milhões de toneladas de farelo de soja para o mercado externo. O volume representa praticamente o mesmo embarcado em 2011. Em outubro, a receita de US\$ 7,3 bilhões foi a maior da história, puxada pelos preços. No acumulado de 2012, o montante aferido foi 15,8% maior que o de 2011 (CEPEA, 2013). As

exportações aquecidas colaboraram com a pressão de alta dos preços no mercado. Porém, segundo a ABIOVE (2012) a previsão é de que seja exportado 15 milhões de toneladas de farelo de soja na próxima safra, com preço médio de US\$ 480/ton., resultando no faturamento de US\$ 7,2 bilhões.

Na bolsa de Chicago, o preço da tonelada do farelo de soja em setembro de 2012 fechou em US\$ 559,78, queda de 1,78% em relação ao mês anterior (ABIOVE, 2012). Por outro lado, segundo o MAPA (2012) o preço chegou a US\$ 532,8 por tonelada em setembro de 2012, apresentando aumento de 31% em comparação ao mesmo período do ano passado, quando o preço médio era de US\$ 405,9 por tonelada. Ainda, segundo o MAPA (2012), o preço médio nos 14 dias úteis de outubro foi US\$ 525,9 por tonelada. Contudo, de acordo com o CEPEA (2012) o contrato Outubro/2012 para o farelo de soja fechou a US\$ 536,82 tonelada, apresentando baixa de 9,2% no mês.

No mercado interno, o preço da soja manteve-se instável durante todo o ano com o pico de valorização em agosto e recuo dos preços no final do ano (Figura 3). Na média das regiões a acompanhadas pelo CEPEA, os preços do farelo de soja



caíram 3,7% no acumulado de setembro. Sendo que em São Paulo o preço médio do farelo de soja negociado em setembro desse ano foi de R\$ 1.173,50/ton., queda de 5,37% em relação à cotação fechada em agosto de 2012 (R\$ 1.240,12/ton.) (ABIOVE, 2012). Em Passo Fundo (RS), a saca de 60 quilos subiu de R\$ 73,00 para R\$ 75,00 entre 18 e 25 de outubro. Em Cascavel (PR), a cotação passou de R\$ 74,00 para R\$ 77,50. Em Rondonópolis (MT), o preço abaixou de R\$ 72,00 para R\$ 71,00. Em Dourados (MS), a saca subiu de R\$ 73,00 para R\$ 74,00. Em Rio Verde (GO), a cotação caiu de R\$ 72,00 para R\$ 68,00.

Diante do exposto, o estoque de passagem da safra 2011/2012 que em setembro foi

estimado em 945,5 mil toneladas, na safra 2012/2013 deverá evoluir para 4,30 de toneladas (CONAB, 2012). Assim, caso não ocorra à repetição dos milhões problemas climáticos ocorridos neste ano, estima-se uma normalidade no abastecimento no complexo da soja para a safra 2012/2013 no Brasil. E com a demanda mundial de soja estimada em 265,1 milhões de toneladas, prevê-se para a temporada de 2013 estoques de soja de 58,1 milhões de toneladas, superior em 1,4% ao anterior (Conselho Internacional de Grãos – IGC, 2012). Portanto, isso são indícios de um possível arrefecimento nos preços do farelo de soja após a safra 2012/2013.

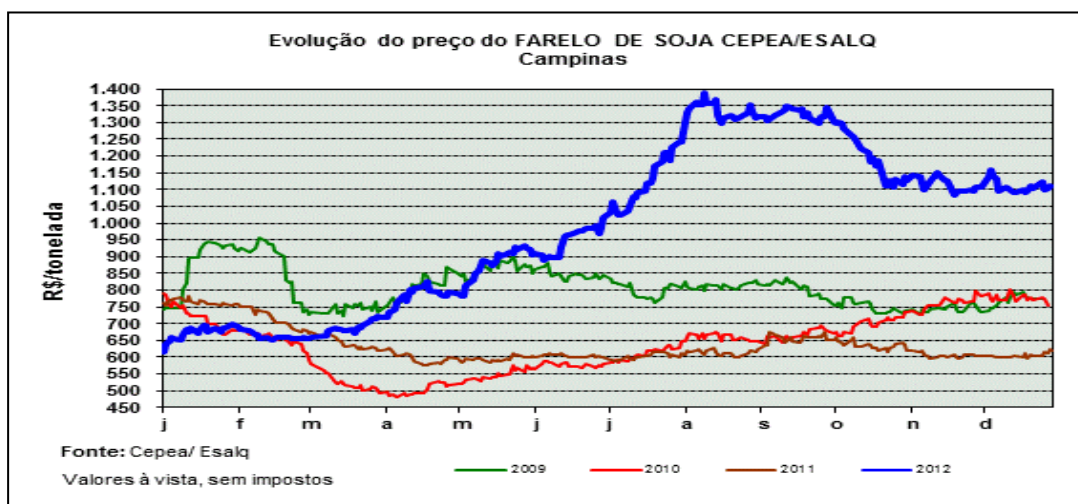


Figura 3 – Evolução do Preço do Farelo de Soja



Por outro lado, é indispensável ficar atento à situação da China frente ao mercado de soja, visto que sua produção está estimada na menor dos últimos três anos, com baixos estoques e alto consumo. Fatores que, se confirmados, poderão elevar a demanda por soja no mercado internacional, e consequentemente, provocar a alta do preço no mercado nacional.

MERCADO BRASILEIRO DE OVOS

Produção

A produção de ovos comerciais no mundo é expressiva e já ultrapassa os 60 milhões de toneladas por ano. De acordo com dados compilados da USDA junto à Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), em 2009 os dez maiores produtores mundiais de ovos registraram produção conjunta de aproximadamente 46,5 milhões de toneladas, sendo a China o maior produtor, seguida dos Estados Unidos com apenas um quarto da produção chinesa (Ovosite, 2012).

O Brasil é o sétimo maior produtor mundial de ovos e contribui com apenas com 3% do total de ovos produzidos. Entretanto, a produção brasileira de ovos é comercializada e consumida quase que em

sua totalidade no mercado interno, o qual absorveu 99,11% da produção nacional em 2011, revelando um consumo per capita de pouco mais de 160 ovos/habitante/ano e uma reduzida participação no mercado de exportação do produto (UBABEF, 2012). Assim, vê-se que o Brasil possui grande potencial de crescimento tanto na produção quanto na exploração dos mercados interno e externo. Este fato tem estimulado, ao longo dos últimos anos, políticas de adequação do setor de produção de ovos que visem incrementar a produção e a participação no mercado consumidor (Stefanello, 2011).

É evidente o aumento da produção brasileira de ovos nos últimos anos (Figura 4), contudo, se observa que ela tem ocorrido a taxas moderadas. O crescimento em cinco anos (2006 a 2011) foi de 13,5% (2,93 x 3,39 bilhões de dúzias). Em 2010, a produção de ovos foi de 3,2 bilhões de dúzias, aumento de 1,9% sobre o ano de 2009 (IBGE, 2011). Mas apesar do maior número de galinhas alojadas em 2010, o aumento no número de aves foi de apenas 0,9% sobre o ano de 2009 (IBGE, 2011), revelando uma maior eficiência do setor. Em 2011 o total de galinhas alojadas no Brasil chegou a 216,2 milhões de unidades, um aumento de 2,6% em comparação às 210,8 milhões de aves alojadas em 2010, e a produção de ovos foi 4,5% maior do que



a registrada em 2010. Houve o registro de produção de 3,39 bilhões de dúzias do produto (IBGE, 2012), sendo 21% de ovos vermelhos e 79% de ovos brancos. Diante disso, fica clara a melhora na produtividade das galinhas a cada ano. A produção de ovos manteve-se crescente em todos os meses do 2011, apresentando maior variação positiva em dezembro (7,0%). O estado do Mato Grosso foi responsável por 32,2% do crescimento registrado entre 2011 e 2010. Já o Paraná participou com 28,2% deste crescimento, enquanto que o Amazonas apresentou decréscimo de 6,3% (IBGE, 2012).

Os levantamentos realizados pela UBABEF (2012) indicam que nos cinco primeiros meses de 2012 o alojamento de produtoras de ovos comerciais totalizou 34,610 milhões de cabeças. Este número foi 6,7% maior que o registrado no mesmo período do ano passado. Deste total, 26,058 milhões de cabeças são de produtoras de ovos comerciais brancos e 8,551 milhões de cabeças são de produtoras de ovos comerciais vermelhos. Esses números representam, respectivamente, aumento de 8,93% e 1,34% no número dessas aves em relação ao mesmo período do ano passado.

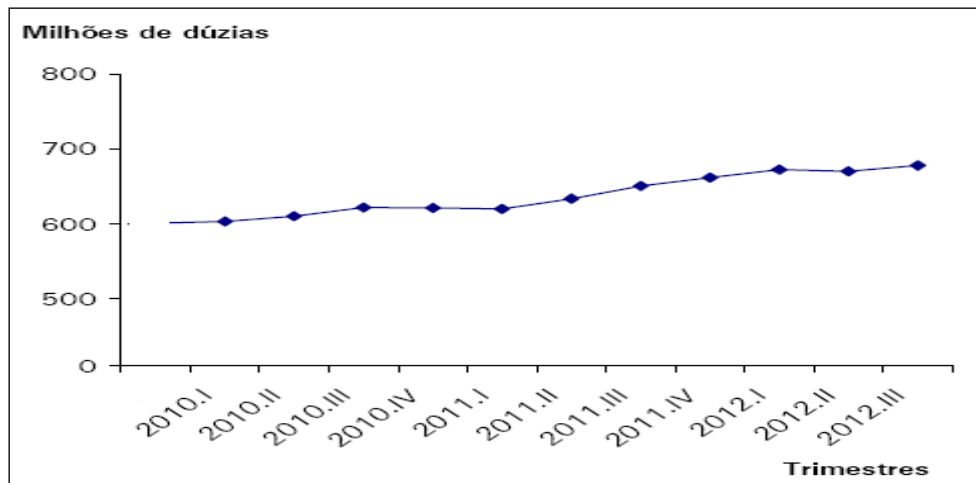


Figura 4 – Produção brasileira de ovos de galinhas trimestre de 2010 a 2012

Fonte: IBGE

De acordo com os levantamentos feitos pela a UBABEF (2012), São Paulo manteve-se como líder no alojamento de produtoras de ovos comerciais no mês de

maio, com total de 2,619 milhões de cabeças (35,55% do total no Brasil). No segundo posto está Minas Gerais, com 720,8 mil cabeças (9,78% do total). Em



terceiro lugar ficou o Rio Grande do Sul, com 629 mil cabeças alojadas (8,54% do total). O Espírito Santo deteve o quarto maior alojamento de produtoras de ovos comerciais no Brasil, com 530,2 mil cabeças (7,19% do total). Com o quinto maior alojamento do país, ficou Pernambuco com 461 mil cabeças (6,26% do total).

Os últimos dados divulgados pelo IBGE (2012), relativos ao 3º trimestre de 2012, permitem concluir que nos nove primeiros meses do ano a produção brasileira de ovos aumentou pouco mais de 6,2%, passando de 1,904 para 2,022 bilhão de dúzias. Com destaque para os estados de Santa Catarina e Mato Grosso, onde o volume de ovos produzidos no primeiro semestre de 2012 aumentou, respectivamente, 17% e 14,3% em relação ao ano passado. No entanto, isso sugere que parte significativa desses aumentos está relacionada a ovos férteis destinados à produção de pintos de corte, visto que o IBGE não faz distinção entre ovos de consumo e férteis.

Por outro lado, com o mercado em alta para os preços do milho e do farelo de soja, ingredientes base da alimentação das poedeiras, a rentabilidade do produtor é prejudicada. Como efeito, a produção de pintainhas no segundo semestre tende a reduzir e, conseqüentemente, o plantel de

poedeiras e a produção de ovos no primeiro semestre do próximo ano. Acompanhando essa tendência, a produção de pintainhas em setembro foi de 6.904.771 milhões, redução de 9% em comparação com agosto, quando foram produzidas 7.596.204 milhões de pintainhas (Mercado do ovo, 2012) (Figura 5). Embora exista a possibilidade de recuperação do plantel, dependendo da redução dos preços dos insumos (milho e soja), essa recuperação se dá de forma lenta em função do período de desenvolvimento da pintainha até se formar a poedeira em produção, algo em torno de 20 semanas de idade.

Cotação de Ovos

Os estudos relacionados ao ovo durante os últimos anos, permitiram maior conhecimento e divulgação dos benefícios do consumo do ovo à saúde humana. Como resultado, o consumo per capita de ovos nos diferentes países vem aumentando, inclusive no Brasil. Em 2011 o consumo per capita de ovos chegou a 162,5 unidades, contra 148,8 unidades em 2010, um crescimento de 9,2%. Por outro lado, em 2011 se exportou 16,6 mil toneladas de ovos, apenas 0,89% da produção brasileira, o que representou uma redução de 40% em relação às 27,7 mil toneladas de ovos exportados em 2010. A



receita cambial de US\$ 28,27 milhões em 2011 teve redução de 31% frente a 2010, quando alcançou US\$ 41,02 milhões. As principais regiões de destino foram África, com 11,2 mil toneladas, e Oriente Médio, com 3 mil toneladas. Entre os países, os

maiores compradores foram Angola, com 10,6 mil toneladas (64% dos ovos exportados), e Emirados Árabes Unidos, com 3 mil toneladas (18% dos ovos exportados) (Avicultura Industrial, 2012).

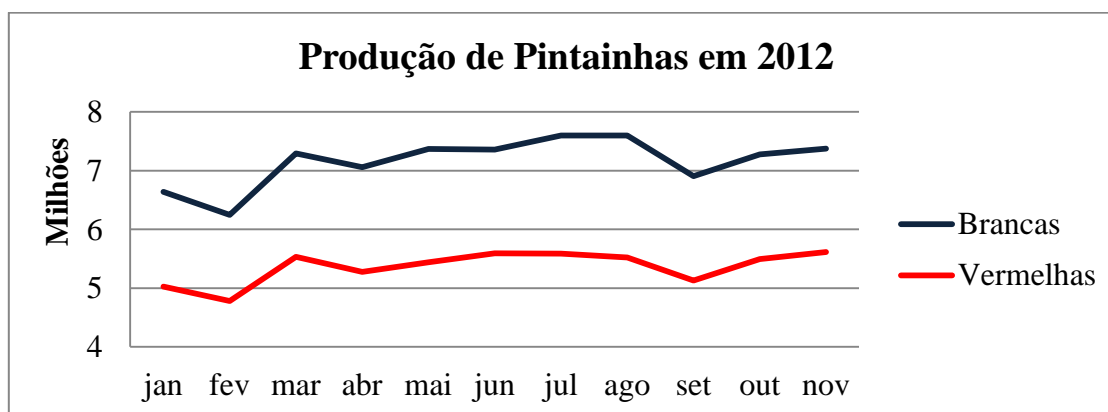


Figura 5 – Produção de Pintainhas em 2012

Fonte: Mercado do ovo

A redução das exportações brasileiras de ovos em 2011 foi motivada pela baixa competitividade da produção nacional, câmbio desfavorável e aos poucos investimentos do setor em tecnologia de produção e logística (Avicultura Industrial, 2012). Em 2009, a média mundial de exportações de ovos com casca ficou em US\$ 1.729,00/ton., enquanto que a do Brasil foi de US\$ 1.729,99/ton. e a da China em US\$ 795,00/ton., ambas no mesmo período (Avicultura Industrial, 2012).

Em 2012 o mercado de ovos está bastante sensível, visto que nos últimos dias de

maio, o produto enfrentou seu terceiro pior preço de 2012 (Figura 6). Com os preços fragilmente estáveis desde agosto, no final de outubro o mercado de ovos foi obrigado a render-se à pressão da demanda e, com isso, terminou o mês com a menor cotação em 150 dias, apresentando 2% de perda no seu preço. Naturalmente, essa desvalorização não se reflete na média mensal registrada em outubro (-0,4%), visto que a baixa observada ocorreu nos últimos dias do mês. Mesmo assim, a nova cotação alcançada – média de R\$48,77 por caixa no atacado da cidade de São Paulo – permanece sensivelmente aquém da média



nominal que foi registrada logo no início do segundo semestre, ocasião em que o

produto chegou a ser comercializado no atacado paulistano por até R\$56,00 por caixa (ovosite, 2012).

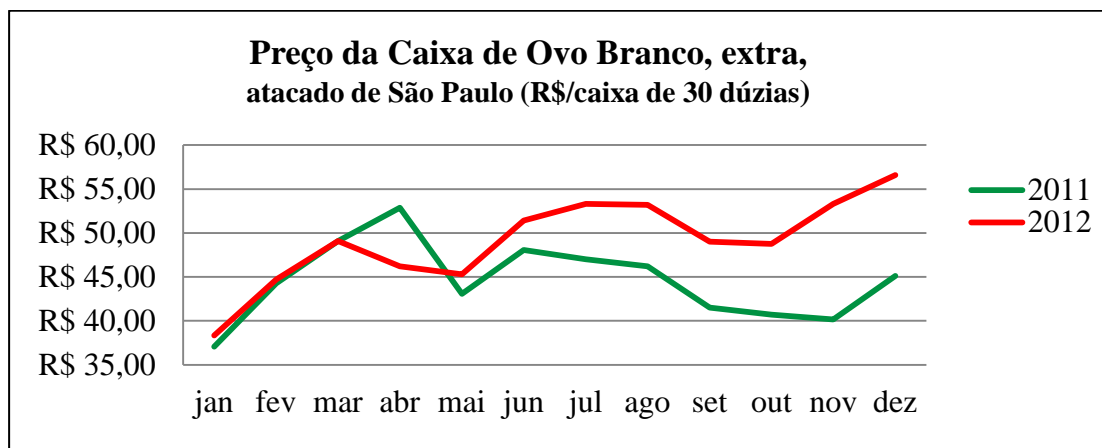


Figura 6 – Preço da caixa de ovos Branco extra no atacado de São Paulo

Fonte: Avisite

A redução do preço dos ovos em outubro já era esperada, pois coincide com o período em que começam a entrar em produção as poedeiras cujo alojamento mensal superou a média dos 6,750 milhões de cabeças, ocasião em que chegaram a ser registrados aumentos de até 8% sobre o período anterior. Independente disso, a realidade é que o ocorrido em outubro apenas mantém comportamento habitual no setor o qual se repete ano após ano, com ligeiras exceções, qual seja, pequeno retrocesso de preços em relação a setembro, o que faz com que no décimo mês do ano seja registrada a menor cotação do segundo semestre (Figura 6).

É esperada a recuperação dos preço em novembro, pois isso tem ocorrido habitualmente. Porém, essa alta nos preços tem um componente sazonal: é típica de todo mês de novembro e marca o início da ascensão de preços do ovo por um espaço de tempo que, normalmente, se estende até as proximidades do Natal.

As cotações do início do mês de novembro começam com os preços reajustados em comparação a outubro. No dia 06/11/2012, o ovo foi negociado segundo o índice do OvoOnline e a caixa com 30 dúzias do ovo tipo extra, branco e à granel custou R\$ 55,50 em São Paulo (SP), R\$ 57,00 no Rio de Janeiro (RJ) e, em Minas Gerais (MG) custou R\$ 60,00, de acordo com o



Agridata. No varejo, o preço médio da dúzia de ovos nos supermercados de SP e RJ é de R\$ 4,50 e R\$ 4,60, respectivamente. Em MG, o valor é de R\$ 4,80 (Mercado do Ovo, 2012). Pelo visto, o fator sazonal começa a agir.

Ao avaliar os atuais preços do ovo no mercado brasileiro, observa-se que os mesmos estão acima do que os produtores receberam no mesmo período do ano anterior (Figura 5). O preço média pela caixa de ovos em 2011 foi de R\$44,61, sendo que até outubro de 2012 a média foi R\$47,98 (Avisite, 2012). No ano de 2011, a valorização do ovo no mercado foi de 16,38% ao ano. Ao comparar o valor recebido pelo produtor em 2011 com o de 2010, se observa que houve uma valorização de 17,63% em 2011 (Avisite, 2012). Contudo, o poder de compra do produtor de ovos foi reduzido a cada ano (Tabela 5). O poder de compra do produtor de ovos se refere a capacidade de adquirir um produto (por exemplo; equipamentos, insumos, pintainhas...) com determinada quantidade de caixas de ovos. Dessa forma, pode-se concluir que a relação que determina o poder de compra do produtor de ovos é complexa, variável e dependente do mercado.

Como tentativa de valorizar o preço do ovo no mercado, e assim melhor o poder de compra do produtor, o Brasil busca aumentar as exportações de ovos. De acordo com os levantamentos da UBABEF (2012), nos setes primeiros meses de 2012, as exportações de ovos atingiram a receita de US\$ 24,1 milhões, resultado 64,3% maior que o número registrado no mesmo período do ano anterior, que foi de US\$ 14,6 milhões. No caso de ovos in natura, as exportações totalizaram 2,153 mil toneladas em maio deste ano, número 21,8% maior em relação a abril. No acumulado do ano, foram 15,8 mil toneladas embarcadas entre janeiro e julho, número 89,9% maior na comparação com o registrado no ano anterior nesse período (8,3 mil toneladas).

Para os ovos processados, em 2010 foram exportados 2,63 mil toneladas. No entanto, em 2011 o volume exportado foi 27,4 % menor que em 2010, foram exportados 1,90 mil toneladas. As principais regiões de destino foram Ásia e Oriente Médio, as quais receberam, respectivamente, 1,13 e 0,179 mil toneladas. Entre os países, os maiores compradores foram Japão, com 1,13 mil toneladas, e Emirados Árabes Unidos, com 162 toneladas (UBABEF, 2012). Nesse ano, o volume exportado registrou alta de 137,2% em maio em comparação com abril de 2012, com total



de 145 toneladas embarcadas. Já nos cinco primeiros meses de 2012 houve queda de 59,9% nos volumes embarcados, segundo

o mesmo comparativo com o ano passado, com 441 toneladas embarcadas no período (UBABEF, 2012).

Tabela 5 - Cotações Médias e Relação de Preços - 2011/2012 de Ovo, Milho e Farelo de Soja

Mês	Ovo(A)		Milho(B)		Far. Soja(C)		B/A*		C/A*	
	2011	2012	2011	2012	2011	2012	2011	2012	2011	2012
jan	37,08	38,35	30,61	31,45	0,763	0,679	24,77	24,6	0,62	0,53
fev	44,29	44,71	32,14	29,08	0,719	0,689	21,77	19,51	0,49	0,46
mar	49,08	49,07	31,84	29,10	0,645	0,709	19,46	17,79	0,39	0,43
abr	52,88	46,21	30,26	26,00	0,592	0,815	17,17	16,88	0,34	0,53
mai	43,08	45,31	29,91	26,10	0,589	0,927	20,83	17,28	0,41	0,61
jun	48,08	51,40	31,31	25,03	0,592	1,035	19,54	14,61	0,37	0,60
jul	47,00	53,31	30,67	31,68	0,608	1,270	19,58	17,83	0,39	0,71
ago	46,19	53,19	30,29	34,70	0,633	1,370	19,67	19,57	0,41	0,77
set	41,52	49,00	31,92	33,07	0,666	1,404	23,06	20,25	0,48	0,86
out	40,72	48,77	30,56	32,68	0,66	1,228	22,51	20,10	0,49	0,76
nov	40,17	53,29	29,64	35,28	0,644	1,139	22,14	19,86	0,48	0,64
dez	45,11	56,6	28,26	35,68	0,626	1,133	18,79	18,91	0,42	0,60

A) Branco, extra, no atacado, SP (R\$/caixa de 30 dúzias);

B) B) R\$/saca de 60kg, interior de SP; C) R\$/kg FOB, indústria, interior de SP.

* Dúzias de ovos necessárias à aquisição de uma saca de milho (60 kg) ou um kg de farelo de soja.

Fonte: AviSite

Relação do custo de produção de ovos com o mercado brasileiro de ovos

No mercado de soja e de milho, a formação de preço ocorre a partir de preços em mercados internacionais, associados a fatores internos, como condições de oferta e demanda, diferenças qualitativas do produto, eficiência do porto exportador,

disponibilidade do produto em armazéns portuários, greves portuárias, chuvas, etc. (Bordin, 2012). A desvalorização do câmbio também contribuí para elevação dos preços das commodities em reais. A valorização do milho e do farelo de soja no mercado interno têm desestimulado cada vez mais o setor nacional de aves e



suínos, visto que aproximadamente 60% da ração animal é feita a partir dessas matérias-primas. Em 2010, o consumo de ração pelas poedeiras alcançou cerca de 4,8 milhões de toneladas (Sindirações, 2011). Sendo que a produção de ração em 2011 para a indústria de postura comercial cresceu 2,6% e alcançou 5,1 milhões de toneladas, em resposta ao alojamento médio de 79,7 milhões de pintainhas de postura (Sindirações, 2012). Entretanto, com as perspectivas pouco otimistas para o preço do ovo e a tendência de crescimento no alojamento acumulado das pintainhas, motivam o setor de alimentação animal a prever evolução de menos de 3% na demanda de rações, algo em torno de 5,1 milhões de toneladas em 2012 (Sindirações, 2012).

A quantidade de ração consumida pelas poedeiras em 2011 representou apenas 7% do total de ração consumido no Brasil nesse mesmo período (Sindirações, 2012). Sendo assim, a redução do plantel de poedeiras estimado em 10% pela Associação Gaúcha de Avicultura - ASGAV (2012), com diminuição imediata de 9% na produção de pintainha em setembro frente a agosto de 2012 (6.904.771 x 7.596.204) (Mercado do ovo), são efeitos direto do alto custo de

produção e a baixa valorização do ovo no mercado. Fatores esses que contribuíram com o baixo crescimento estimado do consumo interno de ração para 2012, e consequentemente, com a diminuição do consumo interno de milho e de farelo de soja nesse mesmo ano. Nesse sentido, a CONAB (2012) em seu último levantamento estimou uma redução no consumo de milho em cerca de 1,4% (50,5 vs. 51,21 milhões de toneladas) para a safra 2012/2013 em relação à safra anterior.

Aumentos nos custos dos insumos para as rações quando não acompanhados por aumentos correspondentes no preço de mercado do ovo, eleva a necessidade de ajuste da oferta do produto com intuito de garantir um preço de equilíbrio para o setor. Como a valorização do ovo no mercado (10 a 15%) está inferior a alta de 25% no custo de produção devido à alta nos preços do milho e do farelo de soja (ASGAV, 2012), a UBABEF (2012) estima uma redução de 10% na oferta do ovo em curto prazo.

Os indicadores mais importantes da rentabilidade da avicultura de postura são as relações verificadas entre o preço da caixa de ovo recebido pelo produtor e os preços dos seus principais insumos, milho e farelo de soja (ingredientes base da ração consumida pelas poedeiras) que compõem



a maior parte do custo variável da produção de ovos.

A relação entre preços de insumos e produção de ovos é complexa e variável. Os números atuais indicam uma correlação negativa elevada entre os preços dos ovos e insumos. Dados do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (ICONE) mostram um acúmulo da alta nos preços de soja de janeiro a julho de 2012 em torno de 74%, e no milho, de 37%. Para o produtor brasileiro de ovos o cenário é de corrosão do seu poder de compra ante as altas nos preços de soja e milho (Tabela 5). Em agosto de 2012, foram necessárias 12,8 caixas de ovos para adquirir uma tonelada de milho, e 12,2 caixas/ton. em setembro. Enquanto que para aquisição de uma tonelada de farelo de soja em setembro de 2012 foram necessárias 32,6 caixas de ovos. O poder de compra do avicultor de postura em relação ao farelo de soja diminuiu quando comparados os meses de agosto de 2012 e agosto de 2011, apresentando piora de 10,83%, já que em agosto de 2011 eram necessárias 29,1 caixas de ovos para adquirir uma tonelada de farelo de soja. Em relação a setembro de 2011, a piora no poder de compra foi de 42,6%, pois naquele período a tonelada de farelo de

soja custou, em média, 18,7 caixas de ovos (ovosite, 2012). Diante disso, fica claro que o ovo se encontra com as cotações defasadas em relação ao aumento de custo de produção ocorrido após maio deste ano. Além disso, os produtores de ovos devem se adequar às Instruções Normativas 56 (2007) e 59 (2009) até dia seis de dezembro de 2012 para continuar na atividade. A Instruções Normativas 56 (2007) e 59 (2009) exige aos produtores com mais de 1000 aves, o telamento de seus galpões para mitigação de risco representado por aves de vida livre. Diante do cenário nacional da cadeia do ovo, entidades do setor (**Instituto Ovos Brasil**, UBABEF e Embrapa) apresentaram no final de outubro ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) uma proposta de Termo de Ajuste de Conduta (TAC) com a finalidade de propor medidas alternativas à exigência do telamento de galpões de produção de ovos. Diante da realidade dos produtores de ovos, o simples aumento no custo de produção com o telamento dos galpões, pode tornar a atividade inviável. Portanto, é imprescindível para a sobrevivência da atividade que as entidades encontrem junto ao MAPA uma alternativa praticável dentro do contexto atual vivido pelos produtores de ovos.



Como alternativa para a valorização do ovo no mercado é a exportação de ovos, a expansão e investimento na produção brasileira de ovos processados pode ser uma opção viável, visto que a demanda mundial por esse produto é crescente (Avicultura Industrial, 2012). Do total de ovos exportados em 2011, 16,6 mil toneladas, apenas 11,46% foi na forma de ovos processados (UBABEF, 2012).

O processamento dos ovos é uma alternativa para melhorar as condições de consumo do ovo tornando esse alimento mais seguro e de melhor valor econômico em relação ao produto fresco, além de manter suas características químicas relativamente inalteradas (Pastore, 2011). Dessa forma, vários produtos a partir do ovo *in natura* têm sido apresentado ao mercado e, ainda que de maneira lenta, vem ocupando as prateleiras, facilitando os consumidores e favorecendo os produtores de ovos.

O aumento da exportação de ovos, seja *in natura* ou processado pode favorecer a valorização do produto no mercado interno. Contudo, o sucesso comercial dependerá certamente de medidas que garantam um mercado consumidor cada vez mais crescente, seja ele interno ou externo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preço do milho e do farelo de soja no mercado interno segue, atualmente, a cotação internacional. O preço do milho no mercado nacional e internacional não tem previsões de queda significativas. A queda na área plantada e a possibilidade de clima desfavorável para a produção da segunda safra brasileira de milho pode contribuir para a manutenção da alta no preço do milho.

O aumento da área plantada de soja e as previsões de condições climáticas favoráveis para a produção de soja são indícios de um possível arrefecimento nos preços do farelo de soja após a safra 2012/2013. Contudo, deve-se ficar atento ao mercado chinês que, se confirmada o aumento nas importação de soja para a próxima safra, ocorrerá à valorização dos preços da soja em grão e do farelo de soja no mercado internacional, assim como no mercado nacional.

A produção brasileira de ovos é praticamente consumida pelo mercado interno, assim a grande quantidade ofertada do produto dificulta a sua valorização no mercado. Portanto, para a valorização do ovo no mercado brasileiro, o país deve investir na exportação de ovos, tanto *in natura* como processado, e no



aumento do consumo interno. Dessa forma, o ovo será valorizado no mercado e o

produtor de ovos poderá recuperar seu poder de compra e se manter competitivo na atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIOVE - Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais. 2012. Disponível em: <<http://www.abiove.org.br/site/index.php>> Acesso em: 03/11/12.

ALVES, L.R.A.; BARROS, G.S.C.; BACCHI, M.R.P. et al. Risco de base e causalidade no mercado de milho em grão no Brasil. In: CONFERÊNCIA EM GESTÃO DE RISCO E COMERCIALIZAÇÃO DE COMMODITIES, 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: BM&FBovespa, 2012. v.1.

ASGAV – Associação Gaúcha de Avicultura. 2012. Disponível em: <<http://www.asgav.com.br/>> Acesso em: 04/10/12.

AVICULTURA INDUSTRIAL, 2012. Disponível em: <<http://www.aviculturaindustrial.com.br/>> Acesso em: 02/11/12.

AVISITE, 2012. Disponível em: <<http://www.avisite.com.br/>> Acesso em: 05/11/12.

BOLETIM ANUAL DO MERCADO DE GRÃOS: MILHO. **Safra 2010/11 e Expectativas 2011/12. 2012.** Disponível em: <<http://www.desenbahia.ba.gov.br/uploads/1110201120379863Rel%20Milho%202011.pdf>> Acesso em: 03/11/12.

BOLETIM ANUAL DO MERCADO DE GRÃOS: SOJA. **Safra 2010/11 e Expectativas 2011/12.** 2012. Disponível em: <<http://www.desenbahia.ba.gov.br/uploads/1110201120359551Rel%20Soja%202011.pdf>> Acesso em: 05/11/12.

BORDIN, R.; *BERGWEILER, A.I.G.* **Nutrição Animal: A relação entre preços de insumos e produção de carne.** 2012. Disponível em: <http://www.aviculturaindustrial.com.br/noticia/nutricao-animal-a-relacao-entre-precos-de-insumos-e-producao-de-carne-por-roberto-bordin/20121024135056_R_586> Acesso em 06/11/12.



CEPEA/ESALQ/USP - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. 2012. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br/cepea/> Acesso em: 05/11/12.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. **Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos – Safra 2012/2013, Primeiro Levantamento, outubro/2012.** Brasília: CONAB, 2012. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/>> Acesso em: 30/10/12.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. **Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos – Safra 2012/2013, Oitavo Levantamento, Maio/2013.** Brasília: CONAB, 2013. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/>> Acesso em: 10/05/13.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Agrícola Municipal – PAM.** 2012. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 30/10/12.

ICONE - Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais, 2012. Disponível em: <<http://www.iconebrasil.org.br/pt/>> Acesso em: 08/11/12.

IGC - Conselho Internacional de Grãos, 2012. Disponível em: <<http://www.igc.int/en/Default.aspx>> Acesso em: 08/11/12.

INSTRUÇÕES NORMATIVAS 56 (2007). Disponível em: <http://www.avisite.com.br/legislacao/anexos/IN_56_04-12-07.pdf> Acesso em: 07/11/12.

INSTRUÇÕES NORMATIVAS 59 (2009). Disponível em: <http://www.avimig.com.br/galeria_imagens/LEGISLACAO_04122009_122354.pdf> Acesso em: 07/11/12.

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. 2012. Disponível em: <www.agricultura.gov.br> Acesso em: 06/11/12.

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior / Secretária de Comércio Exterior (SECEX). 2012. Disponível em: <www.desenvolvimento.gov.br/> Acesso em: 05/11/12.

MERCADO DO OVO, 2012. Disponível em: <<http://www.mercadodoovo.com.br/mural.htm>> Acesso em: 05/11/12.

OVOSITE, 2012. Disponível em; <<http://www.ovosite.com.br/noticias/index.php?codnoticia=13510>> Acesso em: 05/11/2013.

PASTORE, S.M.; OLIVEIRA, W.P.; OLIVEIRA NETO, A.R. et al. Ovos processados: produtos e mercado – revisão. **Revista Eletrônica Nutritime**, v.8, p.1499-1508, 2011.



PERREIRA, A. 2012. **Informa Economics FNP**. Disponível em: <<http://informaecon-fnp.com/noticia/8203>> Acesso em: 09/11/12.

PESSOA, A. 2012. **Preços de milho vão se manter altos em 2013, diz Agroconsult**. Disponível em: <<http://www.agroconsult.com.br/release.asp?i=1011>> Acesso em: 02/11/12.

SINDIRAÇÕES. 2012. **Setor de Alimentação Animal – Boletim informativo do setor**. Disponível em: <<http://sindiracoes.org.br/produtos-e-servicos/boletim-informativo-do-setor>> Acesso em: 02/11/12.

SOLOGUREN, 2012. BM&F: perspectivas do mercado de milho 2012-2013. In: BM&FBOVESPA: PERSPECTIVAS DO AGRIBUSINESS 2012-2013. São Paulo. São Paulo. **Painel...** São Paulo: BM&FBovespa, 2012. Disponível em: <<http://www.beefpoint.com.br/cadeia-produtiva/conjuntura-de-mercado/bmf-perspectivas-do-mercado-de-milho-2012-2013-com-slides/>> Acesso em 29/10/12.

STEFANELLO, C. Análise do sistema agroindustrial de ovos comerciais. **Revista Agrarian**, v.4, n.14, p.375-382, 2011.

UBABEF – União Brasileira de Avicultura. **Relatório Anual 2012**. Disponível em: <http://www.abef.com.br/ubabefnovo/publicacoes_relatoriosanuais.php> Acesso em: 03/11/12.

USDA - Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. 2012. Disponível em: <<http://www.usda.gov/wps/portal/usda/usdahome>> Acesso em: 30/10/12.